

## **A música como importante ferramenta de trabalho com dependentes químicos internados em um CAPS AD do Distrito Federal: relato de experiência**

**Music as an important tool in working with chemical dependents hospitalized to a CAPS AD in the Distrito Federal: experience report**

**La música como importante herramienta de trabajo con dependientes químicos ingresados en un CAPS AD del Distrito Federal: relato de experiencia**

Recebido: 02/01/2023 | Revisado: 09/01/2023 | Aceitado: 10/01/2023 | Publicado: 12/01/2023

**Gustavo de Jesus Siqueira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8107-8261>  
Escola Superior de Ciências da Saúde, Brasil  
E-mail: [gustavojsiqueira@gmail.com](mailto:gustavojsiqueira@gmail.com)

**Alissandra Alves Rodrigues**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6402-0612>  
Escola Superior de Ciências da Saúde, Brasil  
E-mail: [ali.alves18@gmail.com](mailto:ali.alves18@gmail.com)

### **Resumo**

A reforma psiquiátrica trouxe uma nova perspectiva de cuidado às pessoas com transtorno mental no Brasil. Com a proposta de reduzir o isolamento e internações em hospitais psiquiátricos, surgem os Centros de Atenção Psicossocial, abrindo espaço para o trabalho interdisciplinar focado na reabilitação psicossocial e isso inclui indivíduos em sofrimento mental devido ao uso de substâncias químicas. É neste contexto que as oficinas e grupos terapêuticos funcionam como ferramentas que podem auxiliar os usuários no manejo dos prejuízos causados por algum transtorno mental e maximizar as potencialidades que facilitam um melhor desempenho psíquico e social. Esse relato de experiência conta sobre a vivência de um psicólogo residente que participou de um grupo de música realizado em um CAPS AD III do Distrito Federal com indivíduos dependentes químicos que estavam na internação desse serviço, e tem como objetivo, evidenciar a importância da música como ferramenta de trabalho com estes indivíduos abrindo discussão sobre as possibilidades da música no cuidado aos usuários dos serviços de saúde mental.

**Palavras-chave:** Psicologia; Saúde mental; Musicoterapia; Dependência química; Atenção secundária de saúde.

### **Abstract**

The psychiatric reform brought a new perspective of care for people with mental disorders in Brazil. With the proposal to reduce isolation and hospitalizations in psychiatric hospitals, Psychosocial Care Centers appear, opening space for interdisciplinary work focused on psychosocial rehabilitation and this includes individuals in mental suffering due to the use of chemical substances. It is in this context that workshops and therapeutic groups function as tools that can help users manage the damage caused by a mental disorder and maximize the potential that facilitates better psychological and social performance. This experience report tells about the experience of a resident psychologist who participated in a music group held in a CAPS AD III in the Distrito Federal with chemically dependent individuals who were hospitalized in this service, and aims to highlight the importance of music as a working tool with these individuals, opening up a discussion about the possibilities of music in the care provided to users of mental health services.

**Keywords:** Psychology; Mental health; Music therapy; Chemical dependency; Secondary care.

### **Resumen**

La reforma psiquiátrica trajo una nueva perspectiva de atención a las personas con trastornos mentales en Brasil. Con la propuesta de reducir el aislamiento y las hospitalizaciones en los hospitales psiquiátricos, surgen los Centros de Atención Psicossocial, abriendo espacio para el trabajo interdisciplinario enfocado en la rehabilitación psicossocial y que incluye a las personas en sufrimiento psíquico por el uso de sustancias químicas. Es en este contexto que los talleres y grupos terapéuticos funcionan como herramientas que pueden ayudar a los usuarios a manejar el daño causado por un trastorno mental y maximizar el potencial que facilita un mejor desempeño psicológico y social. Este relato de experiencia relata la experiencia de una psicóloga residente que participó en un grupo de música realizado en un CAPS AD III del Distrito Federal con dependientes químicos internados en ese servicio, y tiene como objetivo resaltar la importancia de la música como herramienta para la trabajando con estos individuos, abriendo una discusión sobre las posibilidades de la música en la atención a los usuarios de los servicios de salud mental.

**Palabras clave:** Psicología; Salud mental; Musicoterapia; Dependencia química; Atención secundaria de salud.

## 1. Introdução

O Movimento de Reforma Psiquiátrica, proporcionou importantes mudanças e quebra de paradigmas vigentes na sociedade brasileira por mais de um século. Sabemos que uma das principais temáticas da Reforma era romper com o modelo psiquiátrico baseado na hospitalização, isolamento, exclusão e discriminação, não somente das pessoas tidas como “loucas”, mas também dos desajeitados, condenados criminalmente e improdutivos para a sociedade (Aragão, 2008).

No Brasil os movimentos da Reforma Psiquiátrica surgiram no final dos anos 70, com os questionamentos à Psiquiatria tradicional e as denúncias das situações de violência e abandono em que viviam os internos dos hospitais psiquiátricos. Em 1987 aconteceu a 1ª Conferência Nacional de Saúde Mental, e no ano anterior, a 8ª Conferência Nacional de Saúde (8ª CNS), eventos fundamentais para a discussão, formulação de modelos substitutivos de cuidado em saúde mental e, conseqüentemente, fortalecimento do processo da Reforma (Figueiredo, 2019).

Foi na 8ª CNS que o deputado federal Paulo Delgado apresentou um projeto de lei onde propôs serviços substitutivos aos dispositivos manicomiais, aprovado em abril de 2001 como a Lei da Reforma Psiquiátrica - Lei nº 10.216, regulamentada apenas em 2002, assegurando, às pessoas em sofrimento mental, proteção e direitos com uma nova estruturação do sistema assistencial, requerendo a diminuição dos leitos em hospitais psiquiátricos até o seu fechamento total, bem como a criação e fortalecimentos dos serviços substitutivos de atenção psicossocial fundamentados em ações terapêuticas que promovem a cidadania e a autonomia dos sujeitos (Brasil, 2001; Figueiredo, 2019; Queiroz, 2009).

Cria-se então um cenário no país onde a atenção e o cuidado em saúde mental puderam ser ampliados, e a rede substitutiva aos modelos manicomiais passa a ser construída. Os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS) destacam-se nesta rede ao amplificarem o cuidado às pessoas em sofrimento mental e em situações vulneráveis (Silva, et al., 2018).

Os CAPS foram criados através da Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002, e devem dispor de equipe multiprofissional de saúde e também externas à área da saúde, a depender das possibilidades e necessidades do serviço (Brasil, 2002). Os CAPS se dividem em público atendido, e existem dois CAPS com serviços específicos, sendo eles o CAPSi para crianças e adolescentes, e o CAPS AD, que atende pessoas com transtornos devido uso de substâncias psicoativas. Os CAPS também se diferenciam em complexidade e abrangência populacional, sendo usado os números romanos I, II e III para o nível de complexidade em ordem crescente (Bernardi & Kanan, 2015).

O CAPS AD III é voltado para sujeitos dependentes químicos e oferece um serviço de portas abertas, onde o usuário pode entrar e sair quando quiser e também conta com internação (Brasil, 2012). É ofertado um tratamento de atenção e cuidado ao dependente químico e a sua família, que muitas vezes está estritamente ligada ao adoecimento mental ou melhora do indivíduo dentro do tratamento. Um serviço fundamental ofertado pelos CAPS AD é trabalho multiprofissional, por meio do qual o paciente está em contato com diversos profissionais de diferentes áreas do saber, como: terapeuta ocupacional, enfermeiro, psicólogo, assistente social, psiquiatra, farmacêutico e outros (Amarante, 2007). O trabalho multiprofissional em saúde mental foi o responsável por uma quebra de paradigmas na psiquiatria ao propor o modelo psicossocial, introduzindo outras especialidades e saberes para além do modelo biomédico, já que retirou, da figura do médico, a visão de que somente este profissional poderia resolver o caso do paciente e tratá-lo. Contudo, essa relação de poder entre médico e doente somente retira, pouco a pouco, a individualidade e liberdade do próprio paciente no seu processo pela busca de autonomia e saúde (Basaglia, 2001; Jafelice, & Marcolan, 2022).

Em sua obra, *A Instituição Negada*, Basaglia (2001) reflete sobre o adoecimento mental e seu envolvimento com as relações de poder ao fazer um comparativo sobre a relação médico-paciente. Para ele, é preciso que o indivíduo assuma o lugar de autonomia sobre seu processo de cura e que não fique aos cuidados do médico como figura central no tratamento. É necessário que todas as forças de poder e hierarquização se dissipem entre os profissionais de saúde, e devolvam ao doente o poder de fala, de liberdade e criem um ambiente acolhedor e humano. Esse movimento multiprofissional, que ainda precisa

criar mais força, muda a forma das relações e do tratamento para o indivíduo em sofrimento mental, pois, rompe com uma visão biomédica do adoecimento e tratamento, ampliando a discussão para outros aspectos da vida do indivíduo, como fatores biopsicossociais.

É nessa perspectiva de discussão de cuidado ampliado que surgem as oficinas e grupos terapêuticos na proposta de tratamento oferecida nos CAPS. A principal temática é da reabilitação psicossocial, baseada nos conceitos epistemológicos da reforma psiquiátrica, visando aumentar as possibilidades de recuperação em sofrimento mental com ações integrais envolvendo a arte e a cultura como instrumentos terapêuticos, ampliando as habilidades, aumentando a autonomia, despertando a singularidade do poder criativo, estimulando a ruptura do isolamento, reinventando seu cotidiano e a própria vida, valorizando o potencial de cada ser humano (Galvanese, et al., 2016).

As oficinas e grupos terapêuticos fazem parte do tratamento ofertado dentro dos CAPS e surgem como principal proposta para ampliar o cuidado, principalmente para usuários que estavam em tratamento psiquiátrico (Batista & Ferreira, 2015).

## 2. Metodologia

O presente estudo é do tipo relato de experiência sobre um grupo de música, realizado no CAPS AD III de Ceilândia com os usuários internados na Unidade de Acolhimento Integral (UAI) e funcionários do CAPS. O relato aqui apresentado foi feito por um psicólogo Residente do Programa de Residência Multiprofissional em saúde mental do adulto (PRMSMA) da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS) no Distrito Federal.

O relato de experiência é importante fonte de informações e produção de conhecimento científico, pois possibilita novas problematizações a partir da narrativa e descrição da experiência do autor, que utiliza referencial teórico e uma escrita política e analítica. O Relato de experiência também possui linguagem facilitada para quem tem interesse pelo tema e estiga reflexões e críticas (Daltro & Faria, 2019).

A Unidade de Acolhimento Integral é o nome dado ao espaço de internação do CAPS AD III que funciona 24 horas, para sujeitos que estão em situação grave de intoxicação ou, em alguns casos, em situação vulnerável. O usuário, quando acolhido no CAPS, passa por uma avaliação médica, na qual pode ser ofertado a internação como parte do tratamento para dependência química. A internação pode durar até 14 dias, podendo ser estendido por mais 14 dias (Brasil, 2012).

Foram realizados aproximadamente 18 encontros do grupo de música no CAPS AD III de Ceilândia, durante o período de março a agosto de 2021. O grupo tinha duração prevista de 1 hora, e foi conduzido e realizado por sete profissionais residentes em saúde (PSR) do Programa de Residência Multiprofissional de Saúde Mental do Adulto (PRMSMA), onde 1 dos residentes tocava violão e os outros cantavam. Os encontros foram organizados considerando o quadro da pandemia pelo Coronavírus (COVID-19) e respeitando a Circular n.º 5/2021 - SES/SAIS/COASIS/DISSAM que trata de “Orientações em Saúde Mental e Atenção Psicossocial no contexto de COVID-19 no Distrito Federal” para controle e enfrentamento. Dessa forma, os usuários e profissionais utilizaram máscaras durante a integralidade do projeto, distanciamento social e todos os envolvidos no grupo terapêutico realizaram higienização em obediência aos protocolos sanitários vigentes na SESDF (Brasília, 2021).

O grupo foi pensado como estratégia para diminuir os impactos da internação e trabalhar a motivação para o tratamento contra a dependência química, pois os internados ficavam por vezes ociosos, e o espaço de internação era pequeno e pouco confortável. No início de cada grupo eram entregues para cada participante 6 rostinhos que expressavam 6 emoções diferentes, sendo elas: Felicidade, tristeza, raiva, medo, vergonha e saudade. Estes passaram a ser chamados Os rostinhos das emoções e eram feitos de papéis em um corpo de palito de madeira e foram pensados como parte do grupo para que os usuários pudessem expressar suas emoções com as músicas apresentadas. O grupo foi organizado de forma que, no início, todos os

participantes fossem estimulados a se apresentar com seu nome e a equipe de residentes começava se apresentando. Em seguida eram cantadas 3 músicas selecionadas pelos residentes, que realizavam ensaios 1 hora antes de cada encontro, e era dado espaço para que os participantes escolhessem algumas músicas. Ao final, havia um período para fala livre e sugestões para o grupo, e pedidos de músicas para o próximo encontro.

O grupo teve a duração de 5 meses pois esse foi o período que os residentes ficaram nesse cenário do CAPS AD. O PRMSMA, regulamentado pela Portaria nº 493 de 08/07/2020, estipula um período de 6 meses de permanência dos residentes nos CAPS (Brasília, 2020).

Todo o projeto do grupo de música foi escrito e detalhado antes de sua execução, passando a ser também o projeto aplicativo dos residentes, pois o PRMSMA exige que os residentes façam um projeto de trabalho (projeto aplicativo) que visa inovar e ampliar o cuidado em saúde dos usuários e profissionais da Rede de Saúde Mental do DF. (Brasília, 2020). O projeto do grupo de música foi apresentado aos preceptores do PRMSMA do cenário e foi aprovado e apoiado por estes e pela gerência do CAPS AD III.

### 3. Resultados e Discussão

A equipe de residentes decidiu em março de 2021, que precisavam realizar um grupo de trabalho com os usuários que estavam na internação do CAPS AD III da Ceilândia, pois o que se observava era que muitos desses sujeitos permaneciam por longos períodos ociosos, e a internação é um momento muito delicado, onde o usuário passa por um período de privação do uso da substância psicoativa. Essa privação geralmente gera alguns sintomas de abstinência e sofrimento para o usuário internado, como, por exemplo, no uso abusivo do álcool onde a privação do uso dessa substância pode acarretar uma síndrome de abstinência alcoólica, classificado no DSM-V como sintomas que vão desde tremor, vômitos, ansiedade, até sintomas psicóticos e Delirium tremens - complicação grave da síndrome de abstinência alcoólica (Teixeira, 2022).

O grupo de música foi criado justamente para diminuir os impactos da internação e provocar maior motivação para o tratamento. Com o decorrer dos encontros foi possível perceber a importância da música como uma importante ferramenta terapêutica, como enfatiza Batista e Ferreira (2015), a música é instrumento muito utilizado no cuidado à pessoa em sofrimento psíquico, utilizando intervenções terapêuticas que impulsionam a reconstrução da identidade, a inclusão desse indivíduo, além de estimular a comunicação, o pensamento, a reflexão, a memória e a atividade motora e promover relaxamento, diversão, melhora da autoestima, e conseqüentemente melhora do bem-estar.

No início de cada encontro, os pacientes pareciam tímidos, alguns falavam tão baixo quando se apresentavam que mal dava para escutar. No final de cada música era perguntado aos participantes o que eles sentiram durante a música tocada e quais pensamentos vieram para eles. Durante os 2 primeiros encontros, percebemos a dificuldade de alguns participantes em falar o que sentiam ou até mesmo de cantar junto com os outros. Diante dessa dificuldade de se expressar e falar, que resolvi propor ao grupo a utilização dos rostinhos das emoções, instrumento que se constituiu como uma importante ferramenta para termos acesso a alguns relatos e sentimentos pessoais de cada um, pois ao final de cada música, pedíamos que falassem ou levantassem a plaquinha com a emoção que mais foi presente para aquela pessoa durante a música apresentada. Nem todos falavam, mas todos levantavam uma plaquinha e, a partir da plaquinha levantada, estimulávamos para que a pessoa falasse o porquê daquela emoção.

Esse espaço de fala para cada um expressar aquilo que sentia trouxe momentos importantíssimos para muitos usuários, pois surgiram relatos de vida, de experiências e de troca entre os participantes, que começavam a interagir mais durante o decorrer do encontro. Muitos traziam relatos de memórias afetivas vinculadas a determinada música. Outros choravam e traziam muita emocionalidade. Eram muitos sentimentos e histórias dentro de cada música, e pude notar o quanto a música muitas vezes representa as diversas situações que cada uma passa no cotidiano, ou já passou. Em uma pesquisa feita

por Siqueira e Lago (2012) com usuários da Rede de Saúde Mental de Campinas que participaram de um grupo de música, a memória foi um dos principais aspectos evidenciados durante entrevista, pois os usuários trazem relatos de que a letra das músicas traz recordações de situações passadas, as vezes desde a infância.

É importante frisar que, no início de cada encontro, as expressões faciais da maioria dos usuários denotavam tristeza e sofrimento, com posturas corporais encurvadas e por vezes com ombros para baixo e braços fechados. Notei que no decorrer dos encontros alguns usuários mudavam essa expressão para algo alegre e mudavam a postura corporal para cantar ou acompanhar o grupo. Em seu artigo sobre o uso da música em diversos cenários de cuidado, Araújo, et al., (2014) exploram o potencial terapêutico da música e relata a mudança de humor, de sentimentos e as mudanças fisiológicas que a música pode proporcionar, e isso ficou bem evidente no grupo de música.

As emoções mais relatadas com o uso de plaquinhas foram de Felicidade, tristeza e saudade. Os gêneros musicais mais pedidos foram sertanejo, gospel e música popular brasileira.

O grupo de música é de fácil implementação e execução. As maiores dificuldades relacionadas ao grupo de música foram a escassez de recursos, onde os residentes quem tiveram que disponibilizar o violão e caixa de som e a adesão dessa atividade por parte de alguns usuários, que não tinham boa relação com a música, ou que estavam muito desanimados para participar.

### 3.1 Dois casos

Trago dois importantes casos de usuários que participaram do grupo de música e que pude observar de perto. Esses casos expressam as qualidades e importância da música como ferramenta terapêutica, e que ficou marcado na minha memória e trajetória como profissional psicólogo. A usuária Girassol (nome fictício para preservar a identidade do sujeito) que foi acolhida no CAPS AD III em 2018, possui histórico de humor deprimido, intenso sofrimento devido às situações de violência que vivenciou na vida e intensa preocupação com seus filhos. A paciente tinha inúmeras tentativas de autoextermínio, além das dificuldades em interagir com a equipe e em manter-se ativa nas atividades propostas pelo serviço.

No primeiro encontro, Girassol parecia não estar à vontade para expressar a sua opinião e emoção em relação à música, mal falava ou interagia com a equipe e usuários. Era difícil para qualquer profissional do CAPS criar vínculo com Girassol, que pouco falava sobre sua vida e problemas. No final de cada música, pedíamos que mostrassem qual emoção correspondia ao que cada um sentiu escutando determinada música. Girassol não falava e nem levantava nenhuma plaquinha, apenas olhava para os rostinhos de emoções a cada música cantada. Porém, no segundo encontro, após abertura de espaço de fala e de expressões, Girassol levantou uma plaquinha. Fiquei surpreso e fui invadido de alegria nesse momento. Todos os residentes já falavam sobre Girassol e o tanto que seria legal se algum dia no grupo ela esboçasse alguma reação às músicas que cantávamos. A partir daquela primeira plaquinha, Girassol trouxe aos poucos relatos sobre a sua história de vida, interagiu com os demais usuários e solicitou que o grupo cantasse uma canção que remetesse ao seu filho que já havia falecido.

A música proposta por Girassol se chama Estrelinha, é do gênero sertanejo, cantada por Marília Mendonça e Di Paullo & Paulino. A letra da música conta a história de uma pessoa que perdeu alguém importante, e fala o quanto a saudade é forte dessa pessoa e das coisas que faziam juntas. A letra da música faz todo sentido ao olharmos para os relatos e história de vida de Girassol que perdeu seu filho, e as plaquinhas que Girassol escolheu para essa música foram: tristeza e saudade. Naquele momento percebi a potencial terapêutico que a música proporcionou, pois foi notável a melhora do humor de Girassol que se sentiu à vontade para falar sobre os seus familiares e as questões que influenciam no seu tratamento, isso mostra o quanto o uso de canções em um contexto em que a música é uma ferramenta terapêutica pode auxiliar no resgate da história de vida e na expressão de conteúdos, possibilitando construção de sentidos e ressignificação (Breunig & Araújo, 2019).

A fala de Girassol foi importante para que pudéssemos compreender a sua história de vida, e outros determinantes de seu sofrimento mental, e até mesmo para entender o uso e função das substâncias psicoativas em sua vida, o que ajudou a montar um Plano Terapêutico Singular (PTS) para a usuária de maneira mais eficaz de acordo com suas demandas. A fala também foi importante para Girassol, que expôs seus sentimentos e pode ser acolhida em seu sofrimento pela equipe multiprofissional do CAPS. A possibilidade de acesso aos conteúdos subjetivos dos usuários é muito importante para os profissionais de saúde, principalmente porque indivíduos com algum transtorno mental possuem diversas dificuldades - sejam emocionais, pessoais e outras - para falar e se expressarem (Maynart, et al., 2014).

Outro ponto importante foi a possibilidade de vínculo da equipe com Girassol que o grupo e a música, proporcionou, pois depois que Girassol trouxe seu relato de vida no grupo, ficou mais receptiva e participativa nas atividades do CAPS AD III, e a equipe pode realizar acolhimento e intervenções de forma mais aprofundada e apropriadas com a usuária. Esse estabelecimento de vínculo é importante para todo o tratamento, pois é através dele que o usuário pode se sentir acolhido e seguro para trazer informações importantes para seu tratamento (Alexandre, et al., 2019).

A música escolhida por Girassol passou a fazer parte do repertório de músicas previamente ensaiadas pelo grupo.

O segundo caso que trago é do usuário Lírio (nome fictício para preservar a identidade do sujeito) que iniciou o tratamento no CAPS em 2014, após já ter sido internado em hospital psiquiátrico e ter histórico de conflitos familiares e internações em comunidades terapêuticas, enxergou a arte como uma possibilidade para lidar com suas emoções. O paciente tornou-se voluntário no grupo de música, é compositor e tem habilidade com desenho, pintura e fabricação de pão artesanal. Sua trajetória no CAPS é extensa, já ficou internado no acolhimento integral e trouxe diversos relatos dos benefícios da música em sua vida. Lírio participou dos encontros e logo percebi que ele era muito talentoso. Fizemos um convite para que ele participasse dos ensaios e tocasse suas músicas autorais no grupo. Lírio propôs músicas, trouxe suas composições e prestou em diversos momentos, apoio aos pacientes através de suas experiências pessoais.

O caso do Lírio é um pouco diferente, pois ele já estava com o quadro estável, sem fazer uso de substâncias por muito tempo e, embora tivesse crises esporádicas devido quadro de transtorno grave persistente, ele conseguia ajudar as pessoas, e o que demonstrou para mim foi um sentimento de gratidão por tudo que o CAPS e a equipe fez por ele e em especial o grupo de música que sempre abriu espaço para que ele pudesse cantar e tocar, não somente as músicas do nosso repertório, mas suas canções próprias e autorais. Lírio posteriormente teve algumas crises e chegou a ficar ausente de alguns encontros, porém o grupo realizou busca ativa e conseguiu entrar em contato com Lírio, que explicou sua situação e retornou para os encontros do grupo de música.

No caso de Lírio, pude perceber vários sintomas positivos que a música estabeleceu na vida dele, pois nos encontros que fazíamos nos grupos, ele sempre agradeceu a oportunidade de estar ali e fazia todo o trabalho voluntário de estar conosco, ensaiar, tocar e cantar. Ele trouxe diversos relatos do quanto a música mudou sua vida e o ajudou a lidar com o uso de substâncias. Seu relato vai de encontro com o que Batista e Ribeiro (2016) encontraram em sua pesquisa sobre um grupo de música realizado em um CAPS AD, onde os resultados evidenciaram vários aspectos positivos do uso da música como recurso terapêutico, e entre eles destaque o espaço que a música permite para o desenvolvimento das potencialidades individuais, da ampliação do conhecimento e do fortalecimento de vínculos, já que o tratamento no CAPS tem como principal proposta a reabilitação psicossocial, que não é uma técnica em si, mas uma ampla gama de ações que visam auxiliar os usuários no manejo dos prejuízos causados por algum transtorno mental e aumentar as possibilidades e potencialidades de cada indivíduo. A reabilitação psicossocial também surge objetivando um tratamento para além do uso de remédios, já que o principal foco não é mais o tratamento da doença e isolamento do indivíduo, e sim o cuidado do indivíduo em seus diversos modos de ser e singularidades. A reabilitação psicossocial também busca combater o preconceito que o indivíduo com transtorno mental sofre, trazendo-o de volta a sociedade como alguém capaz de fazer suas próprias escolhas e capaz de realizar atividades e ter

autonomia.

Quando olho para o caso de Lírio, vejo o quanto é importante a oficina de música nessa perspectiva de cuidado para além do remédio e isolamento, pois Lírio alcançou resultados surpreendentes a partir da música a medida que esta foi lhe proporcionando momentos onde pode maximizar suas potencialidades, desenvolver habilidades e vivenciar momentos de socialização, de escolhas, de autonomia e auto cuidado. Esses são aspectos importantes para o trabalho com dependentes químicos, já que a adesão ao tratamento é baixa, e os vínculos são difíceis de serem estabelecidos, porém, a música cria esse espaço terapêutico e potencializa o tratamento, como no caso do Lírio (Schneider, et al., 2016).

As músicas de Lírio foram ensaiadas pelo grupo, e em suas apresentações, todos aplaudiam e elogiavam suas músicas e performance.

#### 4. Considerações Finais

A música é estudada até os dias atuais, e diversas pesquisas apontam os efeitos dela, seja no corpo, seja nas emoções e pensamentos, fato é que a música e suas diversas implicações estão inseridas nos diversos processos da vida humana. Este relato de experiência apenas evidencia o que diversos estudos têm demonstrado: A música é um importante aliado no tratamento de usuários da rede de saúde mental, e principalmente no tratamento de indivíduos dependentes químicos.

Nota-se, porém, que mesmo sendo uma ferramenta simples de ser implementada, ainda faltam recursos e estratégias para implementação eficaz de grupos/oficinas de músicas na rede de saúde mental. No CAPS AD III, por exemplo, é necessário esforço pelos profissionais para que algum grupo seja implementado, e mesmo assim, ainda ficam pendentes recursos para o funcionamento desses grupos.

Dito isso, percebe-se o processo burocrático para se levantar recursos dentro do CAPS AD III, que mesmo tendo apoio da gerência, esta fica aquém da Secretaria de Saúde disponibilizar tais recursos. Isso mostra algumas barreiras de acesso que as equipes podem acabar enfrentando na criação e execução de projetos como este do grupo de música.

Este relato de experiência enriquece a discussão da importância da música como ferramenta terapêutica no tratamento de dependentes químicos que estão na internação do CAPS AD III, porém não pretende limitar-se a esse tratamento e público específico, e sim, expandir a ideia da música como importante ferramenta terapêutica para a rede de saúde mental como um todo, principalmente pensando no seu potencial terapêutico e fácil aplicação e manutenção do grupo, que pode ser feito não necessariamente com instrumentos musicais ou pessoas que entendem de música, mas com as vozes de quem quer cantar e contar suas histórias, seja tocando um violão, seja cantando a capela batendo palmas para ditar o ritmo da música.

É importante que outros relatos de experiência e pesquisas busquem não apenas dados qualitativos, mas quantitativos para enriquecer ainda mais a importância do uso da música como ferramenta terapêutica, ainda mais que, o campo do cuidado em saúde possui diversas áreas com potenciais incríveis para pesquisa e implementação da música como recurso terapêutico.

#### Referências

- Alexandre, V., Vasconcelos, N. Á. de O. P., Santos, M. A., & Monteiro, J. F. A. (2019). O acolhimento como postura na percepção de psicólogos hospitalares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, e188484. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003188484>
- Amarante, P. (2007). Saúde mental e atenção psicossocial (4a ed). *Editora Fiocruz*.
- Aragão, T. N. (2008). Reforma psiquiátrica: A construção de um novo paradigma em saúde mental. *UniCEUB*.
- Araújo, T. C., Pereira, A., Sampaio, E. e S., & Araújo, M. S. S. (2014). Uso da música nos diversos cenários do cuidado: Revisão integrativa. *Revista Baiana De Enfermagem* 28, (1). <https://doi.org/10.18471/rbe.v28i1.6967>
- Basaglia, F. (2001). A Instituição negada: Relato de um hospital psiquiátrico (3a ed). *Graal*.
- Batista, E. C., & Ferreira, D. F. (2015). A música como instrumento de reinserção social na saúde mental: um relato de experiência. *Rev. Psicologia em Foco*, 7(9), 67–79.

- Batista, N. D. S., & Ribeiro, M. C. (2016). O uso da música como recurso terapêutico em saúde mental. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 27(3), 336. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i3p336-341>
- Bernardi, A. B., & Kanan, L. A. (2015). Características dos serviços públicos de saúde mental (Capsi, capsad, caps III) do estado de Santa Catarina. *Saúde em Debate*, 39(107), 1105–1116. <https://doi.org/10.1590/0103-110420151070533>
- Brasil. (2001). Ministério da Saúde. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2002). Ministério da Saúde. Portaria n. 336, de 19 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2012). Ministério da Saúde. Portaria n. 130, de 26 de janeiro de 2012. Redefine o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas 24h (CAPS AD III) e os respectivos incentivos financeiros. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasília. (2020). Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Portaria nº 493, de 08 de julho de 2020. Regulamento interno dos programas de residências em área profissional da saúde da secretaria de estado de saúde do distrito federal (instituição executora) e da escola superior de ciências da saúde (instituição formadora). *Diário Oficial do Distrito Federal*, Brasília, DF: Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal.
- Brasília. (2021). Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Circular nº 5/2021 - SES/SAIS/COASIS/DISSAM, de 06 de abril de 2021. Trata-se de Recomendação com Orientações em Saúde Mental e Atenção Psicossocial no contexto de COVID-19 no Distrito Federal. *Diário Oficial do Distrito Federal*, Brasília, DF: Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal.
- Breunig, F. F., & Araújo, G. (2019). Possibilidades e desafios da musicoterapia na atenção psicossocial e na saúde mental coletiva: uma revisão integrativa sobre sua inserção no contexto da reforma psiquiátrica brasileira. *Brazilian Journal of Music Therapy*, (26).
- Daltro, M. R., & Faria, A. de A. (2019). Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 223-237.
- Figueiredo, A. C. (2019). Uma breve revisão da reforma psiquiátrica no Brasil e sua relação com a psicanálise e a psicologia. *Revista Psicologia Política*, 19(44), 78-87.
- Galvanese, A. T. C., D'Oliveira, A. F. P. L., Lima, E. M. F. de A., Pereira, L. M. de F., Nascimento, A. P., & Nascimento, A. de F. (2016). Arte, saúde mental e atenção pública: Traços de uma cultura de cuidado na história da cidade de São Paulo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 23, 431–452.
- Jafelice, G. T., & Marcolan, J. F. (2022). Potencialidades e desafios do trabalho multiprofissional nos Centros de Atenção Psicossocial. SMAD, *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português)*, 18(1), 17–25. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2022.172106>.
- Maynard, W. H. C., Albuquerque, M. C. dos S., Brêda, M. Z., & Jorge, J. S. (2014). A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial. *Acta Paulista de Enfermagem*, 27(4), 300–304. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400051>
- Queiroz, V. D. de C. (2009). Entre o passado e o presente: A atuação do assistente social no campo da saúde mental. *Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*, (163). <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.15056>.
- Schneider, J. A., Limberger, J., Novello, B. M., & Andretta, I. (2016). O papel da reabilitação psicossocial no tratamento de usuários de crack. *Aletheia*, 49(1), 35-47).
- Silva, T. A., Paula Júnior, J. D., & Araújo, R. C. (2018). Centro de Atenção Psicossocial (Caps): Ações desenvolvidas em município de Minas Gerais, Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(2), 346–363. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n2p346.8>
- Siqueira, J. L. D., & Lago, A. M. C. V. (2012). Coletivo da Música: Um estudo sobre relações entre arte e saúde mental. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 93. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2012v3n1p93>
- Teixeira, J. (2022). Tratamento Farmacológico da Síndrome de Abstinência Alcoólica. *Acta Médica Portuguesa*, 35(4), 286–293.